

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

VICTOR LAMAS DA SILVA JÚNIOR

**MEDIAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DE PANDEMIA:
Limites e desafios**

**JUIZ DE FORA
2023**

VICTOR LAMAS DA SILVA JÚNIOR

**MEDIAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DE PANDEMIA:
Limites e desafios**

Monografia submetida ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, elaborada sob a orientação de Katiuscia Cristina Vargas Antunes.

JUIZ DE FORA
2023

VICTOR LAMAS DA SILVA JÚNIOR

**MEDIAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DE PANDEMIA:
Limites e desafios**

Monografia submetida ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, elaborada sob a orientação da Kátiuscia Cristina Vargas Antunes

Juiz de Fora, 12 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kátiuscia Cristina Vargas Antunes (orientadora)

Profa. Dra. Mylene Cristina Santiago

RESUMO

A pandemia de COVID-19 trouxe impactos significativos para a sociedade em diversos cenários, esse trabalho irá dar destaque para o setor educacional. O fechamento de escolas e a transição abrupta para o ensino remoto impuseram grandes desafios, especialmente no que diz respeito à promoção da educação inclusiva. Nesse contexto, este trabalho busca investigar a importância e os desdobramentos da educação inclusiva em época de pandemia, momento em que se tornou mais evidente a necessidade de abordagens e estratégias renovadas para lidar com tal situação. Em uma realidade onde o acesso a recursos e materiais adequados, a capacitação de professores e a parceria com a família ganharam destaque como elementos fundamentais para o sucesso da educação inclusiva. Este trabalho visa discutir pelo ponto de vista dos mediadores as dificuldades enfrentadas, o despreparo muitas vezes presente e o processo de mudança sofrido pela educação inclusiva. Para isso irei trazer a abordagem da entrevista com mediadores que atuaram em período de pandemia com inclusão, trazendo minha própria experiência para essa discussão, além, claro, de dialogar com artigos e textos que trazem o mesmo tema.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Mediação; pessoas com deficiência; Pandemia.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has brought significant impacts to society across various sectors, with the educational field being particularly affected. The closure of schools and the abrupt transition to remote learning have posed major challenges, especially in promoting inclusive education. In this context, this study aims to investigate the importance and ramifications of inclusive education during a pandemic, where the need for renewed approaches and strategies to address this situation has become more evident. In a reality where access to appropriate resources and materials, teacher training, and partnership with families have gained prominence as fundamental elements for the success of inclusive education, this study seeks to discuss, from the perspective of mediators, the difficulties faced, the often-present unpreparedness, and the process of change experienced by inclusive education. To achieve this, I will employ an interview approach with mediators who have worked with inclusion during the pandemic, drawing from my own experience to contribute to this discussion. Additionally, I will engage with articles and texts that address the same topic.

Keywords: Inclusive education; Mediation; disabled people; Pandemic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 BREVE PANORAMA DA PANDEMIA NO BRASIL E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	9
1.1 O covid-19 no Brasil	9
1.2 Os efeitos da pandemia na educação	9
2 O PAPEL DO MEDIADOR	10
2.1 A importância da boa relação entre mediador e professor	11
3 METODOLOGIA E PESQUISA	13
3.1 Metodologia	13
3.1.1 Objetivos gerais e específicos	13
3.1.2 Hipótese inicial	13
3.1.3 Procedimentos de análise	13
3.1.4 Seleção dos dados: relato pessoal e entrevistas	14
3.1.5 Síntese dos resultados obtidos	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
ANEXO I	23
ANEXO II	24
ANEXO III	26
ANEXO IV	32

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil, e todo o mundo, enfrentou a pandemia do Coronavírus, bem como os desafios impostos por ela. Como aponta Castro (2021), os efeitos estenderam-se não somente à educação, mas para diversos setores da sociedade, no âmbito pessoal e coletivo. No contexto da educação inclusiva, os desafios foram inúmeros. Tendo isso em vista, este trabalho buscou analisar a mediação inclusiva no contexto da pandemia, ressaltando a realidade enfrentada pelos professores diante desse cenário, assim como os impactos desse período nos dias de hoje.

A escolha deste tema de pesquisa se deu, além de uma motivação pessoal, pela necessidade de contribuir para a Educação Inclusiva, uma vez que tem como objetivo trazer, tanto um relato próprio, como a vivência de outros professores no contexto da mediação do professor. Desta forma, este estudo apoia-se nas pesquisas já existentes e avança ao passo que analisa o objeto sob o recorte da mediação inclusiva.

A partir das discussões de Silva Berti (2021) em *Inclusão de crianças e adolescentes com deficiência no sistema educativo durante a pandemia*, Gleyce Carvalho Castro (2021) em *Educação inclusiva em tempos de pandemia: desafios para a inclusão* e Bianca de Macedo Abreu (2020) em *Inclusão e acessibilidade em tempos de pandemia*, o objetivo específico desta pesquisa é analisar qualitativamente (MASON, 2006), do ponto de vista pedagógico, quais foram às dificuldades encontradas na inclusão escolar durante a pandemia do coronavírus, por parte dos professores, a partir da coleta de informações por entrevistas e tanto um relato pessoal. Dessa forma, tem-se como hipótese inicial que algumas das dificuldades encontradas foram: a escassez de materiais direcionados ao ensino *online*, bem como a desigualdade, que inviabilizava o acesso por parte de todos os alunos, e também a impossibilidade de acompanhamento pedagógico. Além disso, a análise pretende observar, os desafios da desigualdade, uma vez que o problema não se restringe à educação, mas entende-se para outras esferas sociais, como é afirmado por Castro (2021) e ressaltado por Abreu (2020). Por fim, à luz de Raquel Fontes Araújo *et al* (2020) em *O papel do mediador escolar: qualificar a mediação para qualificar a inclusão* e Norelir Oliveira Leite Mamedes (2021) em *Educação Inclusiva: Interação de professor e mediador* visa-se explicar o papel do mediador, bem como a sua importância.

Este estudo está dividido em três capítulos, o primeiro traz um breve panorama da pandemia, a fim de contextualizar sobre esse período, bem como seus impactos na educação,

além de uma introdução ao conceito de mediação inclusiva. A seguir, o segundo capítulo discorre a respeito da função desempenhada pelo mediador, assim como sua relevância, e a importância da boa relação entre ele e o professor. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a metodologia, os procedimentos de coleta de dados e a análise realizada a partir das entrevistas realizadas com professores e mediadores.

1. BREVE PANORAMA DA PANDEMIA NO BRASIL E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Neste capítulo será apresentado um breve panorama sobre a pandemia no Brasil, bem como os impactos dela na educação, além de uma discussão sobre o conceito de educação inclusiva.

1.1 O covid-19 no Brasil

A pandemia do Coronavírus, em 2019, trouxe mudanças significativas para a sociedade como um todo. No Brasil, além de uma crise de saúde pública, com a falta de medidas de contenção do vírus, o país teve de enfrentar os desafios impostos em diversas áreas, como a educação.

A crise exacerbou as desigualdades sociais no país, e, segundo uma pesquisa divulgada pelo Datafolha, aproximadamente quatro milhões de alunos abandonaram os estudos. A evasão escolar se deu por diversos motivos, dentre eles, a dificuldade de acesso às aulas remotas e problemas financeiros.

Dentre as mudanças significativas que ocorreram nesse período, podemos destacar a modalidade de ensino. Com a suspensão das aulas presenciais devido às restrições e medidas de distanciamento social, muitas instituições, buscando novas formas de ensinar, adotaram o ensino remoto emergencial (ERE).

O ERE foi adotado como uma forma de garantir a continuidade do ensino mesmo com as restrições impostas pela pandemia, e, em um contexto emergencial, as aulas foram realizadas de forma online, mas devido à urgência da situação, não houve um planejamento quanto à organização do funcionamento dessa modalidade. Assim, ainda que ambas as modalidades de ensino tenham sido adotadas como uma solução para a continuidade do ensino durante a pandemia é importante destacar que o EAD é consolidado, possui regulamentação específica e visa garantir a qualidade do conteúdo proposto, enquanto o ERE foi uma adaptação a uma situação excepcional, e, embora tenha se mostrado eficaz pela capacidade de garantir a continuidade do ensino, não atingiu um nível de qualidade ideal em termos de ensino-aprendizagem.

1.2 Os efeitos da pandemia na educação

É notável, tendo em vista as novas modalidades de ensino adotadas durante a pandemia e as condições impostas tanto aos alunos quanto aos professores, que o ensino não ocorreu de forma adequada, ocasionando grandes defasagens no retorno pós-pandemia.

O despreparo, a falta de acesso à tecnologia e formação adequada para professores e alunos em relação ao ensino virtual tornou a adaptação às novas condições de aprendizado ainda mais difícil, e, então, o novo modelo de ensino resultou no aumento das desigualdades sociais, pois, enquanto alguns alunos tiveram acesso a materiais educacionais e tecnologias, outros não tiveram essa oportunidade. Além disso, todo o contexto afetou o desempenho e motivação dos estudantes.

No contexto de educação inclusiva, as medidas adotadas tiveram impactos ainda mais significativos. A Educação Inclusiva é uma política educacional que garante o acesso de todos à educação, promovendo igualdade e inclusão educacional. Além de apenas uma forma de dar acesso ao ensino a todos os alunos, é também um meio de promover a integração social e o desenvolvimento pessoal de cada um. O direito à Educação Inclusiva é garantido tanto pela Constituição Federal brasileira, de 1988, quanto pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), de nº. 3.146/2015, e também pela convenção sobre os direitos da Pessoa com Deficiência da ONU. Como ressalta Castro (2021), em relação ao contexto específico da pandemia, consta no parecer nº. 5 do CNE a necessidade a esse direito, garantindo a qualidade e equidade.

No contexto pandêmico, em que as escolas foram fechadas para evitar a propagação do vírus e o ensino precisou adaptar-se ao modelo de ensino remoto, os alunos neurotípicos, bem como os professores, tiveram de lidar com a falta de recursos, o que levou a um cenário escolar de dificuldades e retrocessos na inclusão educacional. Sendo assim, é evidente que os impactos na inclusão escolar, ocasionados durante o isolamento social, são significativos e duradouros, e, dessa forma, é necessário avaliar a importância da capacitação, diálogo e ajuste na forma de ensinar, para assegurar que esses alunos possam continuar a ter acesso a um ensino de qualidade e uma melhor qualidade de vida, além de pensar em medidas para reduzir as consequências desse período de crise.

2. O PAPEL DO MEDIADOR

O mediador, segundo Araújo (2020), é quem acompanha o aluno em sala de aula. A mediação inclusiva, além de oferecer mais recursos aos estudantes, também proporciona à

equipe escolar a oportunidade de discutir e aprender sobre as melhores práticas de ensino para esses alunos. É o mediador o responsável por estabelecer a comunicação entre a família e a escola, bem como a relação estudante-aluno.

Entretanto, a profissão ainda não é tida como modalidade de trabalho e, desta forma, seguindo as ideias de Renata Mousinho (2010 *apud* ARAÚJO, 2020, p. 163), “cabe pontuar que, na maior parte das vezes, ao menos em escolas privadas, este profissional tem sido pago pelos pais do aluno, ou seja, estagiários têm sido eventualmente utilizados na rede pública”. Isso reflete diretamente na maneira como se dá o processo de mediação.

Apesar de Mousinho (2010) ressaltar o fato apenas em escolas públicas, podemos afirmar que isso ocorre, também, na rede privada. Tanto no ensino público como no privado, estagiários têm sido colocados para desempenhar a função de mediador mesmo sem nenhuma formação prévia. As escolas particulares, principalmente, colocam profissionais sem nenhuma experiência para desempenhar a função de mediador, a partir de um discurso de inclusão. Isso se dá pela não regulamentação da profissão, e dificulta o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, uma vez que é fundamental conhecer as necessidades específicas de cada estudante e, muitas vezes, não existe o conhecimento, por parte desses funcionários, acerca dos tipos de deficiência e suas características.

O mediador pedagógico é responsável, ainda, pela adaptação curricular, bem como pela elaboração dos Planos de Desenvolvimento Individual (PDI), uma importante ferramenta que visa auxiliar no desenvolvimento do aluno. O plano de desenvolvimento consiste em um conjunto de estratégias, considerando as habilidades, interesses e necessidades específicas de cada estudante. Além disso, busca envolver a família, os professores e o próprio aluno, promovendo uma educação mais individualizada e inclusiva, e com maior qualidade, ainda que, por vezes, em contextos desafiadores.

2.1 A importância da boa relação entre mediador e professor

É de suma importância a boa relação entre mediador e professor. A troca entre os profissionais deve ser constante e alinhada. Como resalta Araújo (2020, p.7) “ambos precisam estar em constante troca para que não haja diferentes estratégias no que diz respeito ao processo de inclusão”.

Para auxiliar e direcionar nesse processo de inclusão, bem como estabelecer um padrão, tanto na mediação como de forma geral na educação, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96). Ela estabelece as diretrizes para a educação

nacional, buscando garantir a qualidade do ensino em todas as modalidades de educação, desde a educação básica até a educação superior. Ela estabelece, por exemplo, a obrigatoriedade de matrícula na escola a partir dos quatro anos de idade, a duração do período escolar, a valorização dos profissionais da educação, entre outros aspectos relevantes para a educação.

Foi a partir da LDB de 1961 (BRASIL, 1961), que a educação passou a ser reconhecida nos artigos 88 e 89:

Art. 88. A Educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade.

Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de Educação, e relativa à Educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções (p. 15)

Como destacado por Mamedes (2021), foi a partir desse documento que a escolarização de pessoas com deficiências passou a ser uma preocupação do Estado. Além disso, reconheceu-se que a dificuldade de aprendizado desses alunos neurotípicos era devido à falta de condições adequadas no processo de ensino-aprendizagem.

Apesar disso, a segregação perpetuou-se, uma vez que a Educação Especial funcionava de maneira paralela ao sistema de ensino regular, e ainda era muito pautado em ênfase clínica. Então, em 1980, surgiu um modelo que tinha como objetivo inserir esses alunos da Educação Especial no sistema regular, e estratégias passaram a ser pensadas no que diz respeito à mediação e à interação família-aluno-professor-mediador.

Conforme Mamedes (2021):

Quanto mais os profissionais que assistem a criança estiverem preparados, maior será o desenvolvimento dela e, conseqüentemente, o êxito profissional daqueles que nela investem. Além disso, a atuação do mediador também diz respeito a atividades que favoreçam a interação do professor com aquela criança. Ter outro adulto na turma atuando com uma criança específica, não exclui o professor da relação com seu aluno. O mediador deve estar apto a orientar o professor com estratégias que favoreçam o comportamento interativo com o aluno. O mediador não pode esquecer que a turma, incluindo a criança que ele atua, tem um professor para conduzi-la.

Dessa forma, o mediador deve ser encarado como um auxiliador, juntamente ao professor, uma vez que não assume o papel principal em sala de aula, mas assiste no processo de ensino-aprendizagem.

3. METODOLOGIA E PESQUISA

3.1 Metodologia

3.1.1 Objetivos gerais e específicos

O objetivo principal desta pesquisa é a análise da mediação inclusiva no contexto da pandemia, ressaltando a realidade enfrentada pelos docentes diante desse cenário, assim como os impactos desse período na atualidade. Em termos de objetivo específico, busca-se, nesta análise, observar as dificuldades enfrentadas pelos mediadores e docentes durante o isolamento social, a partir tanto de um relato próprio como a vivência de outros professores no contexto de mediação. Além disso, a análise pretende observar, os desafios da desigualdade, uma vez que o problema não se restringe à educação, mas entende-se para outras esferas sociais.

3.1.2 Hipótese inicial

A hipótese inicial é que algumas das dificuldades encontradas foram a escassez de materiais direcionados ao ensino online, a desigualdade, que inviabilizava o acesso por parte de todos os alunos, e também a impossibilidade de acompanhamento pedagógico, mas também que os problemas estendem-se para além da pandemia, sendo esta apenas um fator de agravamento da situação. Para mais, supõe-se que a regulamentação da profissão de mediador pedagógico seria de fundamental importância para um ensino de maior qualidade.

3.1.3 Procedimentos de análise

A fim de cumprir os objetivos propostos, o trabalho é baseado na metodologia qualitativa (MASON, 2006), e realizado a partir da coleta e análise de dados, através de entrevistas, e observação das respostas obtidas. Segundo Mason (2006), a metodologia qualitativa visa uma abordagem mais interpretativa e subjetiva, permitindo explorar as situações em contextos de uso. Para a coleta de dados, primeiramente foi feita a delimitação da quantidade de entrevistas a serem realizadas. Para isso, os critérios de escolha foram docentes que atuaram como mediadoras pedagógicas. Delimitaram-se, então, três entrevistas, além de um relato pessoal. Isso feito, foram escolhidas as perguntas e realizadas as entrevistas. Para a análise de dados, o primeiro passo foi organizar a lista de perguntas, pensadas a fim de trazer a experiência pessoal de cada professora, bem como perceber suas

dificuldades, e também a transcrição das entrevistas em um quadro de cinco linhas, apresentando os questionamentos na ordem em que foram questionados.

3.1.4 Seleção dos dados: relato pessoal e entrevistas

O primeiro passo foi traçar o perfil do entrevistado, coletando informações como nome, idade, qual faculdade cursou ou cursa, se já trabalhou ou trabalha com mediação e qual o tipo. Além disso, foi requisitado que as entrevistadas relatassem um pouco sobre a criança. Em seguida, foram realizadas as perguntas¹. Além disso, relatei minha própria experiência como mediador.

3.1.4.1 Relato pessoal

Comecei meu trabalho como mediador no 2º período da faculdade, e sempre atuei em escolas particulares. O que pude observar foi uma grande precarização desse serviço no ensino particular, uma vez que eu era estagiário, sem nenhuma formação em relação à mediação, e exercia essa função – assim como outros estagiários. Naquela época, não havia realizado ainda nenhuma disciplina relacionada na graduação, então aprendi, de certa forma, na prática.

Fiquei responsável pela mediação de uma criança com Síndrome de Down e TOD (Transtorno Desafiador de Oposição). O primeiro ano foi muito falho, pois não tinha ideias, ajuda ou materiais para trabalhar com a criança. Não havia nenhum direcionamento ou retorno por parte da escola ou da professora, tampouco havia inclusão, uma vez que era solicitado que eu retirasse a criança de sala em diversos momentos.

Mantive, em todo momento, uma boa relação com a professora, mas não havia, por parte dela, nenhuma devolutiva ou interesse em inserir o aluno em sala de aula. Então, pelo bom relacionamento, eu me sentia pertencente à sala, mas esse sentimento não se estendia ao aluno acompanhado, uma vez que a presença do menino não era, de certa forma, requisitada.

A partir disso, comecei a estudar por iniciativa própria sobre Educação Inclusiva e mediação. Apesar de tudo, foi uma experiência muito enriquecedora, aprendi muito e me apeguei demais à criança – e ele a mim.

Já o segundo ano, foi completamente diferente. Ainda na mesma escola, com o mesmo aluno e turma, mas um novo docente. Desta vez, o professor participou ativamente no processo de ensino-aprendizagem, e não só inseriu o aluno em sala de aula como fazia

¹ Ver anexo I.

questão da presença dele. Nós trocávamos muitas ideias de atividades para realizar com o estudante, bem como com a turma, e o desenvolvimento da criança foi notável, principalmente socialmente. A mediação foi, de fato, inclusiva.

Em outro momento, trabalhei em outra escola, também particular, com uma criança com paralisia cerebral. Nessa instituição, havia um coordenador pedagógico dedicado somente à Educação Inclusiva. O trabalho era feito de forma conjunta entre professor, mediador e coordenação, como o desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI). A atenção era dedicada não somente à criança, mas também ao mediador, que recebia suporte. Infelizmente, minha experiência foi de apenas três meses, pois, com a pandemia, a mediação foi insustentável.

Nesse curto período em que atuei de maneira remota, tive muitas dificuldades em realizar o trabalho de mediação, pois a criança que acompanhava necessitava de um acompanhamento mais próximo, lado a lado, já que, apesar de um ótimo cognitivo, o sensorio motor era limitado. A mediação foi realizada, em maior parte, pela mãe da criança. Eu tinha as ideias, mas não conseguia executá-las, não tinha recursos, materiais, e era muito difícil prender a atenção da criança, então optei por não dar continuidade ao trabalho.

Após a pandemia, retornei para essa mesma escola e atuei como mediador de outra criança, também com paralisia cerebral. Desta vez, o trabalho, realizado de forma presencial, foi completo e muito satisfatório.

Para mim, ficou evidente a diferença entre trabalhar remotamente e presencialmente, e também como o trabalho conjunto entre professor, escola, mediador e família são essenciais para o bom desenvolvimento da criança. A ação de todas essas instâncias, sem dúvidas, resulta em um processo de ensino-aprendizagem muito satisfatório.

Além disso, corroboro a importância da regulamentação da profissão, bem como a inserção de disciplinas que tratem de Educação Inclusiva na graduação, uma vez que o preparo do profissional é essencial, como pude observar de forma empírica.

3.1.4.2 Entrevista com a Mari²

Mariana, 23 anos, graduanda do curso de Pedagogia, relatou ter trabalhado como mediadora por três meses em uma bolsa do Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora. Inicialmente, mediava uma estudante com Síndrome de Down, e, na época da entrevista, realizada durante a pandemia, trabalhava remotamente como mediadora de duas

² Ver anexo II.

estudantes em uma escola privada, uma com autismo e Síndrome de Down, e a outra sem laudo específico.

Com a primeira, era realizada uma mediação mais direta e frequente, com mais encontros de forma remota. Todas as atividades eram adaptadas para ela. Já a outra estudante, apesar de não possuir, na época, nenhum laudo, tinha a necessidade de ter alguém a acompanhando de forma mais próxima, então os exercícios eram guiados de forma que a mediadora lia juntamente a ela, e fazia perguntas a fim de auxiliar o entendimento.

De acordo com Mariana, a relação entre ela e a professora regente da turma sempre foi tranquila, e a comunicação muita aberta. Então, sempre que surgia alguma dúvida ambas se auxiliavam. A educadora sempre perguntava e pedia sugestão para ela sobre as atividades pensadas para as meninas, uma vez que entendia a proximidade da mediadora com as crianças. Para ela, é muito importante que o trabalho entre o professor, a escola e o mediador seja conjunto, entendendo que a responsabilidade não cabe somente ao mediador, pois todos fazem parte do processo de auxílio ao estudante.

A experiência inicial de Mariana, no Colégio de Aplicação, foi muito breve, e por esse motivo ela não se recorda de muitos detalhes. Apesar disso, a entrevistada relatou que, por ser presencialmente, era muito melhor, uma vez que o contato com a criança era mais direto e frequente, enquanto no remoto os encontros eram curtos e menos constantes. Além disso, o presencial impactava diretamente no nível de intimidade, o que era importante para conhecer a criança e entender as necessidades dela, os gostos, o que precisava desenvolver etc. Na mediação remota, essa compreensão ficou comprometida, pois, ainda que a criança estivesse participando das reuniões, muitas vezes não estava 100% focada, logo não era possível captar diversas coisas.

Para a entrevistada, inclusão escolar é garantir e promover que todos os estudantes que frequentam uma escola – ou qualquer espaço educacional – possam ser respeitados e bem-vindos independentemente de suas especificidades, diferenças, potencialidades ou limitações. A mediadora afirmou ainda que a mediação é essencial para todos os alunos da sala de aula, pois precisam estar participando do seu próprio desenvolvimento, mas que, infelizmente, o tipo de mediação realizada durante a pandemia muitas vezes não conseguiu realmente ajudar a criança a desenvolver a própria autonomia e habilidades.

Mariana afirma ainda que, para a inclusão, o mediador deve levar em conta a real necessidade do estudante, perguntando-se “em que eu posso ajudar esse estudante?”, “o que eu vou precisar adaptar?”, e considera que o ensino remoto teve um impacto relevante nas estudantes que auxilia.

Eu acho que toda a questão da rotina que, pelo menos para minha estudante, com Síndrome de Down e autismo, a rotina é uma coisa muito importante para organização dela, antes ela ia para a escola ficava um turno inteiro lá, já tinha a rotina, mas agora tudo em casa... não é tão interessante e atrativo fazer as coisas, ligar a câmera para ver as professoras e a mediadora. Isso tudo é muito menos interessante para ela, e acaba que se envolve menos, é algo pouco desafiador para ela e impulsiona menos essa criança, fora a questão do estresse, do cansaço, que é muito maior, o tédio de ficar dentro de casa, enfim... são muitas coisas que afetam para tudo ser um pouco mais lento e um pouco mais difícil.

3.1.4.3 Entrevista com a Karla³

Karla, 54 anos, mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pedagoga, psicopedagoga, e pós-graduada em Educação Especial, Educação Inclusiva e tecnologias assistivas, relatou, na época da entrevista, estar trabalhando com mediação há, aproximadamente, cinco anos na rede estadual do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Juiz de Fora. Além disso, já teve prática de mediação na rede pública municipal.

Em 2020, a entrevistada ficou responsável pela mediação de um menino de 8 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), grau severo, na rede estadual, no Tiradentes, onde os professores de apoio eram chamados “Professor de Apoio à Educação Especial (PAEE)”, e responsáveis apenas pelo auxílio, sem o ensino colaborativo.

O ensino remoto começou no dia 18 de março de 2020, pois a escola já tinha uma plataforma que mantinha uma relação mais próxima com as famílias, e isso foi um fator que colaborou muito. Apesar disso, Karla ressalta que nada substitui a intervenção presencial, e a presença do mediador junto à criança é fundamental.

Durante a pandemia, houve uma aproximação da família, a mediação era realizada, inicialmente, por WhatsApp com a mãe, a criança e o mediador, e posteriormente por meio das plataformas Zoom e Google Meet. Em relação ao presencial, ela relata que o domínio da situação era muito maior, exemplificando parte da rotina da criança:

[...] já tinha um quadro de rotina, como ele é autista, eu fazia um quadro de rotina muito intenso com essa criança. Então ele vai chegar, vai ao banheiro, vai lavar a mão e vai descansar. Eu vou fazer um relaxamento com ele, depois eu começo o quadro de rotina. Então, muitas vezes, ele vai chegar um pouco depois das outras crianças dentro de sala de aula, por causa dessa rotina. Ele precisa respirar né, eu vejo se ele tá bem com a roupinha, são vários quesitos que eu olho para começar a minha mediação. Começo com uma questão sensorial, por exemplo, esse meu aluno tem um pouco de dificuldade em pegar lápis, borracha, tesoura, enfim... o material escolar. Então, faço primeiro um trabalho com música tranquilizante, passo um creme na

³ Ver anexo III.

mão, faço massagem, lavo essa mão de novo para ele começar a utilizar o material de mediação [...] no presencial eu tenho todo o cronograma.

No ensino remoto, a mãe foi quem auxiliou na mediação, e ainda que tudo tenha sido combinado antes, não tinha a presença direta do mediador. E mesmo com a aproximação escola-família, as incertezas em relação ao que se seguiria era muito grande. Apesar disso, a entrevistada relatou ter notado alguns avanços na criança, como o uso do banheiro.

A carreira da entrevistada na Educação Inclusiva começou como auxiliar em escolas de Educação Especial, quando esse tipo de ensino ainda era segregado. Ela relatou não ter sido uma boa experiência, pois realizava um trabalho mais de cuidadora do que mediadora de fato. Havia muitas diferenças na condução da aprendizagem a criança, não se preocupando com a instrução. Para ela, atualmente a escola regular oferece, mesmo com todas as dificuldades, experiências muito mais enriquecedoras para as crianças com deficiência.

Em relação à dinâmica entre mediador e professor, Karla acredita que o professor deve ser um sujeito que possua experiência com alunos, sendo necessário que ele execute o papel de transposição didática de modo que faculte ao aluno a compreensão do conteúdo ensinado. Karla pensa ainda que o professor na Educação Especial não é um simples mediador, mas um colaborador. Ela afirma que, enquanto professora de apoio, tem a função de realizar mediação entre professor e criança com deficiência, mas aponta que os professores (regentes e de apoio) deveriam compreender os alunos como sob sua tutela somente na medida em que estudam naquele ano, mas que, no geral devem ser compreendidos como alunos da escola; assim, Karla afirma que os alunos com deficiência deveriam ser compreendidos não como de responsabilidade individual dos professores de apoio, mas como responsabilidade conjunta dos professores regulares, assim como são os alunos neurotípicos.

Segundo a entrevistada, o professor precisa compreender como e o que o aluno aprende, porque, segundo ela, o diagnóstico leva em consideração as deficiências da criança, de acordo com um manual de psiquiatria – atualmente o DSM-5 ou CID 10 – e não seu potencial; ela ressalta que há, hoje, grande apoio das neurociências que ratificam essa afirmação ao demonstrar a plasticidade cerebral. A entrevistada reiterou que o professor deve ser o sujeito da transposição didática a partir da observância dos parâmetros esperados do aluno para cada faixa etária, e da utilização de materiais e metodologias pedagógicas que se adequem ao cenário para potencializar o aprendizado.

Por fim, Karla aponta que seu papel como mediadora é se atentar para as potencialidades do aluno, levando em consideração quais são seus interesses e os

aproveitando para alavancar suas potencialidades. O mediador deve fazer a ponte entre conteúdo e processo de aprendizado tendo como alvo as potencialidades da criança.

3.1.4.4 Entrevista com a Ana Carolina⁴

Ana Carolina, graduanda do 6º período de Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora, relatou ter tido uma única experiência como mediadora, na escola Hub, tendo como principais funções: adaptação de materiais e atividades segundo as necessidades pedagógicas da aluna que acompanhava, assim como auxílio no desenvolvimento das atividades.

Durante o processo de mediação, Carol manteve uma relação tranquila com a professora, mas acredita que poderia ter tido mais diálogo, assim como a atuação junto a aluna poderia ter acontecido de forma mais conjunta.

[...] em alguns momentos senti que a mediação era uma responsabilidade somente minha, o que me deixou em diversos momentos insegura quanto ao trabalho que estava desenvolvendo, pois não tinha devolutivas claras sobre isso.

Quanto ao ensino remoto, a mediadora relatou que, tanto para ela como para a aluna, foi muito difícil prosseguir de maneira significativa, pois não recebia devolutivas da família sobre o desenvolvimento da aluna, tendo apenas poucos retornos por meio da professora. Nesse período, foram desenvolvidas atividades para que a aluna realizasse em casa, porém não houve encontros online, uma vez que a estudante não se adaptou. A entrevistada afirma, dessa forma, que acredita ter havido prejuízos no aprendizado devido ao ensino remoto, uma vez que a criança não estava conseguindo acompanhar as atividades, e também carecia de alguém para auxiliá-la. No ensino presencial, por outro lado, a experiência foi bastante positiva, e mesmo tendo durado cerca de dois meses, Carol acredita que conseguiu desenvolver atividades significativas com a aluna, além de ter tido mais clareza em relação às necessidades e possibilidades de trabalho com a criança.

Ana Carolina acredita que a mediação é uma ponte para a construção de uma educação inclusiva que não exista só no papel, mas também nas práticas escolares, e também tem grande impacto no acesso e permanência dos alunos com necessidades educativas especiais na escola, uma vez que o conhecimento não acontece simplesmente ao possibilitar o contato ou exposição dos alunos com os conhecimentos construídos; a atividade pedagógica de mediação demonstra-se como primordial para a apropriação do conhecimento pelo sujeito, de acordo com ela, a partir do planejamento de atividades e metodologias adaptadas às

⁴ Ver anexo IV.

necessidades e características de cada aluno. Concluiu dizendo que foi uma oportunidade incrível de aprendizado, que possibilitou vivenciar muitas coisas fundamentais para a sua formação.

3.1.5 Síntese dos resultados obtidos

A partir da análise das entrevistas foi possível concluir que a pandemia teve impacto no processo de mediação. Todas as entrevistadas, assim como no meu próprio relato, pudemos observar que no ensino remoto não era possível observar as especificidades de cada criança, bem como suas necessidades e preferências, dessa forma, o interesse tanto do mediador como do estudante mediado caiu consideravelmente. Eu, por exemplo, saí da escola durante o período de pandemia, uma vez que não era possível desenvolver atividades com o aluno.

Além disso, apesar de uma das entrevistadas ter ressaltado uma experiência relativamente boa, com a melhora no contato com os pais, em geral, o balanço foi bastante negativo, gerando sobrecarga nos mediadores, dificuldade de contato tanto com a família como com o professor regente, e prejuízo no processo de ensino-aprendizagem.

Também foi possível observar a diferença entre o ensino particular e o público. Na escola Tiradentes, por exemplo, Karla trabalhava realizando o trabalho de mediação sob o título de professora de apoio, tendo formação e especialização na área, já nas outras escolas, observou-se a ocupação do cargo de mediador por estagiários que, assim como eu, aprenderam na prática sobre a criança mediada e a Educação Inclusiva. Em minha segunda experiência, tive o apoio de uma coordenação dedicada à mediação escolar, mas, ainda assim, não foi exigido formação específica na área – apesar disso, ressalto a diferença e importância que foi ter esse diálogo e apoio, ainda que de forma limitada.

E, em última instância, observou-se também a diferença nos resultados dos estudantes em casos que havia a colaboração entre professor e mediador. O desenvolvimento foi notável, não só no que diz respeito ao cognitivo, mas também no social, visto que a discussão de ideias e estratégias inseria o aluno na turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar questões ligadas às dificuldades encontradas na inclusão escolar durante a pandemia do coronavírus, a partir da coleta de informações por entrevistas e um relato pessoal, tendo em vista as discussões de Silva Berti (2021), Abreu (2020), Castro (2021), Araújo *et al* (2020) e Mamedes (2021).

Após a análise das entrevistas, relatos apresentados, bem como toda a fundamentação teórica, foi possível concluir que a pandemia teve impacto fundamental no processo de mediação. Como relatado tanto pelo autor do trabalho como pelas entrevistadas, mesmo em casos em que houve participação familiar, como da Karla, as lacunas geradas pelo ensino remoto são visíveis, uma vez que a observação de fora não presencial impossibilita o mediador de entender as especificidades do aluno, como suas necessidades e interesses, e desenvolver um processo contínuo de ensino-aprendizagem. Além disso, o ensino *online* impossibilitou a manutenção de rotinas, fundamental na rotina das crianças, e o trabalho entre mediador e aluno precisou ser mediado por um terceiro: a família.

Dessa forma, a hipótese inicial se confirma ao passo que, de fato, houve dificuldade de acompanhamento pedagógico, bem como a escassez de materiais direcionados ao ensino *online*. Ademais, é evidente a diferença entre o ensino público/estadual e o particular, uma vez que, no primeiro, como relatado pela Karla, o mediador atua como professor de apoio e é, exclusivamente, dedicado a isso. Já no ensino particular, contrata como mediadores estagiários não formalizados na profissão, salvo exceções em que os próprios pais contratam um mediador.

Além disso, como relatado nas entrevistas, a boa relação entre mediador e professor, assim como com a família, é fundamental, uma vez que o trabalho em sala de aula é conjunto. Para mais, a pandemia também dificultou essa relação, impedindo as devolutivas, como relata Ana Carolina. Com exceção da Karla, que conseguiu manter um bom vínculo com a família, as outras mediadoras ficaram sem atualizações sobre o desenvolvimento da criança.

Por fim, a realização deste estudo revela que ainda há o que se estudar sobre os impactos da pandemia na Educação Inclusiva. Dessa forma, registro, então, a sugestão para futuras pesquisas que busquem investigar questões ligadas a maneiras de diminuir os impactos causados pela mediação remota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Bianca de Macedo. Inclusão e acessibilidade em tempos de pandemia. **Revista Pedagogia em Ação**. Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 5 de julho de 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23705>. Acesso em: abril/2023.

ARAÚJO, R. F. de A. M. S *et al.* O papel do mediador escolar: qualificar a mediação para qualificar a inclusão. **Cadernos Macambira**, v. 6, n. 1, p. 158–173, 2021. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/598>. Acesso em: jul/2023.

BRASIL. **Lei n. 13.146**, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: fev/2023.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf?query=covid. Acesso em: fev/2023.

CASTRO, Gleyce Carvalho. Educação inclusiva em tempos de pandemia: desafios para a inclusão. **Revista Margens**. Pará, v. 15, n. 24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10102>. Acesso em: abril/2023.

MAMEDES, Norenir Oliveira Leite. Educação Inclusiva: Interação de professor e mediador. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 25, 6 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/25/educacao-inclusiva-interacao-de-professor-e-mediador>. Acesso em: dez/2022.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: jan/2023.

SILVA BERTI, Laura Franco. Inclusão de crianças e adolescentes com deficiência no sistema educativo durante a pandemia. **Caderno de Direito da Criança e do Adolescente**, v. 3, n. 11, 9 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/index.php/DCA/article/view/1111>. Acesso em: maio/2023.

ANEXO I

Perguntas realizadas na entrevista:

- Para você o que seria mediação pedagógica na inclusão?
- Quais são suas principais atividades nesse trabalho de inclusão?
- Como é ou era sua relação com o professor da turma, e como você acha que deveria ser essa relação para o melhor aprendizado do seu aluno
- Como foi a sua experiência de mediação?
- Qual foi a diferença entre a mediação presencial e a remota?
- Para você, quais foram as maiores dificuldades enfrentadas no ensino remoto em relação à mediação?
- Você acha que a criança foi muito afetada com esse tipo de ensino?

ANEXO II

Transcrição da entrevista com a Mariana:

R1- Meu nome é mariana, eu tenho 23 anos, sou graduanda do curso de pedagogia, ta faltando algumas matérias só pra finalizar, então eu tô quase formado e o único momento que trabalhei com mediação antes do momento atual foi durante 2, 3 meses numa bolsa em um colégio de aplicação que eu fiz que eu mediava uma estudante com Síndrome de Down, e agora atualmente eu trabalho com mediação em uma escola privada, no momento de forma remota, com uma estudante que tem Síndrome de Down e autismo.

R2- Eu saio do pressuposto que inclusão escolar é garantir e promover que todos estudantes que estão numa escola ou que estão em um espaço educacional possam ser respeitado e ser bem vindos independentes das suas especificidades, das suas diferenças, das suas potencialidades ou das suas limitações, então independente disso todos estudantes precisam estar incluídos naquela escola , eles precisam estar participando do seu próprio desenvolvimento. Eu acho que a mediação é essencial para todos estudantes da sala de aula independente das dificuldades, das limitações ou das diferenças que esse estudante tiver. Infelizmente a gente vê muito uma mediação que muita das vezes a mediadora ou o mediador está ali do lado da criança sempre mesmo que a criança não necessariamente precise que ele esteja do lado dela, infelizmente eu acho que esse tipo de mediação não consegue realmente ajudar que a criança desenvolva a sua própria autonomia e possa conseguir desenvolver as habilidades que ela precisa, enfim eu acho que mediar pra realmente incluir é uma mediação que vai levar em conta a real necessidade desse estudante, então em que eu posso ajudar esse estudante, o que eu vou precisar adaptar ou ajudar esse estudante especificamente, então eu acho que tem muito a ver com entender a necessidade daquele indivíduo.

R3- Atualmente eu estou mediando duas estudantes, uma delas, que é a estudante que tem Síndrome de Down e autismo, é uma mediação mais direta, mais frequente, então eu tenho encontros de forma remota mais frequente, eu adapto todas as atividades pra ela ,já a outra estudante por mais que ela nao tenha nenhum laudo ela tem a necessidade de ter alguém ali ajudando ela de forma mais próxima, então eu leio a atividade junto com ela, ela lê a atividade pra mim e eu vou fazendo perguntas pra ver se ela entendeu enfim vou auxiliando ali de forma mais próxima.

R4- A minha relação com a professora regente da turma sempre foi muito tranquila, ela sempre deixou a nossa comunicação muita aberta, então tudo que eu tivesse com dúvida ou

precisava de auxílio dela ela sempre oferecia ajuda, e isso vice-versa, sempre que ela pensava alguma coisa para meninas ela sempre me perguntava antes o que achava se eu tinha uma outra sugestão, porque ela entende que eu tenho uma proximidade a mais com as meninas, mas eu acho que é muito importante em qualquer escola em qualquer turma que o professor regente e a escola toda entenda que a responsabilidade daquele estudante não é só do mediador, às vezes acontece muito do professor ou da professora regente achar que ele não é necessariamente professor daquele estudante só porque ele tem um mediador, e não é bem assim, todo mundo tá incluído para poder auxiliar e mediar aquele estudante da melhor maneira possível.

R5- A minha experiência no outro colégio com a mediação foi muito breve, então não teve muita coisa que eu me lembre porque foi muito, mas as coisas que eu consigo pensar é que de qualquer forma presencialmente tudo é muito melhor, você tá ali olhando no olho da criança, é outra coisa, você pode encontrar a criança frequentemente, porque na aula remota não é todo dia que você vai encontrar a criança sendo 20 a 30 minutos por dia, presencialmente você tá ali com a criança praticamente 4 horas por dia, então é muito diferente, o nível de intimidade é diferente e isso é muito importante para você conhecer a criança e saber quais são as necessidades dela, então eu acho que a principal diferença que eu consigo pensar é você realmente conseguir conhecer a criança, conseguir entender quem é ela, entender as especificidades dessa criança, o que essa criança gosta ou não gosta de fazer, o que essa criança precisa desenvolver ou já desenvolveu ou está desenvolvendo, de forma remota por mais que a criança esteja ali muita coisa você não consegue entender, muita coisa você não consegue captar, muita coisa a criança não vai entender por ela não está 100% focada, até você mesmo não está 100% focado.

R6- Com certeza, eu acho que toda a questão da rotina que, pelo menos para minha estudante, com Síndrome de Down e autismo, a rotina é uma coisa muito importante para organização dela, antes ela ia para a escola ficava um turno inteiro lá, já tinha a rotina, mas agora tudo em casa... não é tão interessante e atrativo fazer as coisas, ligar a câmera para ver as professoras e a mediadora. Isso tudo é muito menos interessante para ela, e acaba que se envolve menos, é algo pouco desafiador para ela e impulsiona menos essa criança, fora a questão do estresse, do cansaço, que é muito maior, o tédio de ficar dentro de casa, enfim... são muitas coisas que afetam para tudo ser um pouco mais lento e um pouco mais difícil.

ANEXO III

Transcrição da entrevista com a Karol:

R1- Olá, meu nome é Karla Aparecida Gabriel, eu sou mestre em educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, sou pedagoga, psicopedagoga, também tenho pós em educação especial, educação inclusiva e também tecnologias assistivas. Eu trabalho com mediação há mais ou menos uns 5 anos, tenho também prática de mediação na rede pública municipal, mas nos últimos cinco anos eu trabalho na rede estadual do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Juiz de Fora. Em 2020 eu fiquei com uma criança, um menino de 8 anos com Transtorno do espectro autista severo, na rede estadual, quando a gente é professor de apoio no caso do Tiradentes isso é chamado de PAEE Professor de Apoio à Educação Especial. No caso do meu aluno eu só fiquei com ele porque ele é severo e não responde por ele né então ele tem impedimento a longo prazo e lá na escola a gente é só PAEE mesmo a gente não faz o ensino colaborativo, eu tenho 54 anos.

R2- Eu penso que o professor deve ser mediador em qualquer educação, ele deve ser um sujeito que tenha um pouco mais de experiência com aluno né e ele deve fazer papel de transposição didática para que o aluno possa compreender aquele conteúdo. Eu penso que o professor na Educação Especial ele não é só um mediador ele é um colaborador ele tem que compreender como que o aluno aprende e o que que o aluno aprende e sempre caminhando assim, todos aprendem todos podem aprender, hoje a gente tem muito apoio das neurociências aí que o cérebro é um cérebro plástico, então ele tem condição de aprender. Então eu penso que o professor deve ser esse sujeito de fazer transposição didática e observar o que é solicitado para ele na faixa etária e ele repassar isso para o aluno, através de materiais adaptados, através de materiais e de pedagogia e de metodologias que possam potencializar essa aprendizagem.]

R3- Eu penso que esse professor tem que ser sempre um colaborador, ele tem que amenizar tudo aquilo que a criança com deficiência vem porque a criança com deficiência já vem em cima de um diagnóstico do que ele tem de deficiência nunca do que ele tem de potencial, quando o médico manda um laudo para escola ele vai falar ali as deficiências, as faltas de acordo com o código de um manual de psiquiatria no caso o dsm-5 ou CID 10 que é o código internacional de doença. Então meu papel como mediadora é sempre pensar nessas potencialidades que o meu aluno tem de potencial, por exemplo qual o centro de interesse dele, ele gosta muito por exemplo de montar quebra-cabeça, o que que eu posso aproveitar

essa potencialidade em quebra-cabeça para por exemplo alfabetizar essa criança porque muitas vezes a gente tem alunos que têm altas habilidades apenas em uma coisa por exemplo motor de geladeira sabe tudo de motor geladeira, mas não sabe fazer o uso do banheiro, não sabe se comunicar de forma correta para ser entendido. Então eu penso que o mediador tem que ser esse colaborador, de fazer essa ponte entre o conteúdo e a aprendizagem, e sempre pensando no que o aluno tem para me dar e não nas suas deficiências.

R4- A escola é um lugar de muitas relações de muitos conflitos e isso não é diferente no que diz respeito entre o professor que a gente chama de generalista ou de professor regente e o professor de apoio, professor que fica com a criança deficiente. Eu caminho com a teoria que eu estou ali para ser a mediadora entre o professor e aquela criança, não deveria precisar disso, mas como a escola é uma escola muito engessada com muitas demandas então a gente precisa desse professor de apoio, para fazer essa ponte entre aluno aprendizagem e professor Regente. Tanto os dois professores devem entender que todos os alunos pertencem a ele e a escola, não pertence só aquele ano, por exemplo uma criança do segundo ano ele não deveria ser só aluno do segundo ano, ele deveria ser aluno da escola e é a mesma coisa que a gente pensa com relação a um aluno com deficiência, ele não é só responsabilidade do professor de apoio ele também é responsabilidade do professor de regular tanto quanto os outros alunos neurotípicos, então todos são alunos dos dois professores. Eu acho interessante também a gente colocar que o ideal é que não houvesse essa divisão, que o professor de apoio ou estagiário tivesse ali para auxiliar o professor não somente com o menino com aluno com deficiência mas com todos os alunos, ele deveria ser um colaborador com esse professor e não haver essa divisão, o professor de apoio fica somente com a criança deficiente, não todos seriam professores todos seriam colaboradores todos trabalhariam por uma razão que é a inclusão de todos os alunos. Com a questão também do direito que todos têm direito à educação, mas a gente ainda não vê isso a gente vê ainda que às vezes quando até algumas escolas que eu já trabalhei a gente vai fazer um sino colaborativo, ou seja, eu sou professora de apoio e quando eu trabalho numa gestão colaborativa vou dar aula e vou ficar com os outros alunos enquanto isso o outro professor vai me auxiliar nessa sala de aula e vai dar mais atenção para criança com deficiência, o que que eu já vi muito das vezes o professor que é o regente que naquele momento tá fazendo o processo de professor colaborativo ficando com a criança deficiente se a criança vomita ou ela faz cocô xixi não tem controle ainda dessa área o que a gente observa é que o professor nessa hora ele não vai fazer esse papel de cuidador ele pede o professor que é professor de apoio que faça esse papel, então a gente ainda não viu esse cuidar e educar junto do professor Regente com a criança com deficiência.

R5- Eu comecei a minha carreira trabalhando em escola como auxiliar né antigamente existem escolas que era só para deficientes então eu eu trabalhei alguns anos nesse tipo de escola como auxiliar não como professora eu levava criança ao banheiro eu ajudava trocar a fralda da alimentação fazer os deveres ficava perto né e não foi uma boa experiência eu não percebi a inclusão né nessa nessa fase de educação eu percebia que havia muitas diferenças de mediação havia muitas diferenças na condução para aprendizagem a criança era muito como é que eu vou dizer apenas cuidada não se preocupava muito com instrução então não foi uma boa experiência para mim eu acho que apesar de tudo hoje que a escola regular oferece uma criança com deficiência apesar de todas as dificuldades apesar de todos os problemas eu ainda prefiro que a criança com deficiência estude numa escola regular a mediação presencial é insubstituível esse contato esse olhar essa observação do professor junto à criança não só a criança com deficiência mas todas as crianças né a troca entre os professores o cheiro da escola ou habitar da escola própria rotina da escola é muito importante para a docente e para mediação o que eu percebi que na mediação online eu ganhei algumas coisas eu ganhei aproximação com a família a família é participa mais no meu caso né eu fui muito feliz com a família que eu fiquei o ano passado do meu aluno muito foi uma família muito participativa a gente construiu muita coisa juntas todo dia eu fazer mediação todos os dias individual e duas vezes por semana o meu aluno assistia aula síncrona com a turma e eu estava presente a família também então foi muito rico porque família sempre estava ali para mostrar um trabalho que a gente construiu junto para mostrar uma adaptação e assim o que eu observei duas coisas o professor mediador o professor que trabalha com deficiência mesmo ele foi muito importante no ano passado com relação a pandemia porque ele ajudou os professores a adaptar o conteúdo para sala é online então a gente os professores ficavam muito ligados a nós também porque eles precisavam dessas dessa ajuda então adaptação de material fazer vídeo porque a gente sempre faz isso na nossa nossas aulas presenciais a gente trabalha com vídeo Às vezes a gente trabalha com PowerPoint com som com imagem então a gente já sabe fazer isso então a gente adapta o material de forma mais tranquila então assim na hora de fazer as histórias Não não sou Outros alunos regular deficientes mas para os alunos também regulares da escola regular e um professor contava com a gente o supervisor contava com a gente então não somos muito importantes assim o que eu acho bacana que a pandemia trouxe para a gente ser que trouxe alguma coisa além de tudo que eu falei é essa aproximação família-escola Escola Professor coisa que a gente não tem tempo e a família começou a entender porque que a gente usa determinados materiais Por que que a gente usa determinados estimuladores né Porque que a

gente usa determinados materiais para introduzir alguma algum conteúdo Então acho que a parceria entre escola família professor família foi muito interessante na academia eu tenho muita prática de supervisão Ned professores que trabalham com crianças deficientes e também eu faço consultório como psicopedagoga então acaba atuando como Clínica e vou também muito nas escolas visitar as escolas para auxiliar nessa datação de conteúdo dessa flexibilização curricular nessa construção de materiais que a ponte entre o ensino e aprendizagem de uma criança com deficiência então isso me ajuda demais o ano de 2020 como eu lhe falei eu fiquei com uma criança autista não-verbal é com pouco contato ocular seletivo hipossensível e com muitas dificuldades de adaptação a rotina Então essa criança chegou para mim eu convidei com ele mais ou menos do dia 2 de Fevereiro até o dia 17 de Março EA partir daí nós Já começamos do dia 19 de Março a fazer mediação com essa criança através de vídeo chamadas pelo WhatsApp depois nós começamos a usar plataforma Zoom junto com a família e com essa criança e a gente mandava também todo material adaptado através de uma plataforma que quer a plataforma da escola que chama plataforma positivo que lá é uma rede positivo então desmandava todo material por essa plataforma de que forma sempre com slides explicativos para família compreender o que que a gente queria daquele conteúdo a gente mandava Filmes né a gente mandava vídeos sempre muito muita produção e sempre assim todos os conteúdos que o meu aluno é autista ele ele vai receber são os conteúdos que a sala tratamento só que adaptado para ele então por exemplo nós estamos estudando as obras de Miró terminou ele vai fazer ele vai fazer uma releitura das obras de Miró só que do jeito dele então por exemplo nós tivemos postagens das obras de Miró através de uma releitura pelos alunos o meu alô aluno fez nós fizemos pelo pedi let né que aquela ferramenta de das tecnologias digitais o meu aluno fez tá então assim tudo que que os outros alunos fazem eles eles também fazem só que adaptado para eles eu não sei se eu respondi.

R6- Olha eu vou lhe falar da experiência de um colégio que é um colégio público da rede estadual mas que tem características muito específicas então por exemplo nós começamos o ensino remoto no dia 18 e 19 de Março Nós não paramos a gente já tinha uma rede né que apoia a escola né que a gente os meninos compram material dessa rede que a gente positivo então a gente já tinha uma plataforma que a gente postava as coisas que a gente tinha uma relação mais próxima com a família então isso foi um diferencial para nós a gente já tinha uma ideia dessa tecnologia e como usá-la só para todos os alunos principalmente para os nossos alunos com deficiência não isso é um fator que nos ajudou dou muito eu quero deixar Sempre muito claro que nada substitui a mediação e intervenção presencial nada por mais que o que eu tenho apoio da família por mais que eu tenha tecnologias digitais é muito importante

a presença do professor junto à criança eu percebi é que se teve alguma coisa vamos dizer assim menos ruim na pandemia foi a aproximação da família junto à escola e junto ao professor de apoio né então todos os nossos alunos que tiveram apoio dos familiares as dificuldades ficaram menores então assim o que que eu sentia muito com relação ao aluno quando eu ia fazer a mediação devido ao porque Lembra que eu falei que eu fiz a mediação individual fazer eu a mãe e a criança através da placa a forma zoom no início foi por vídeo chamada de WhatsApp depois a gente começou a disponibilizar plataforma Zoom ou Meet para gente fazer essa mediação o que que eu reparava que quando eu estou na escola fazendo essa mediação aluno está comigo junto aos demais eu tenho mais domínio da situação eu não sei não tenho palavra para substituir o domínio Então vou colocar domínio para você entender o que eu quero dizer então é quando a criança por exemplo chegar para ele já tinha um quadro de rotina para como ele é autista eu faço um quadro de rotina muito intenso com essa criança ele vai chegar ele vai ao banheiro ele vai lavar a mão e vai descansar eu vou fazer um relaxamento com ele depois eu começo o quadro de rotina então muita das vezes ele vai chegar um pouco depois das outras crianças dentro de sala de aula por causa desse desse rotina ele precisa respirar né eu vejo se ele tá bem com a roupinha então são vários quesitos que eu olho para começar a minha mediação eu começo com uma questão sensorial equilíbrio sensorial por exemplo esse meu aluno ele tem um pouco de dificuldade em pegar lápis borracha e tesoura enfim o material escolar então eu faço primeiro um trabalho de com música tranquilizante eu passo um creme na mão eu faço massagem lavar essa mão de novo para ele começar a utilizar o material de mediação nem lata borracha material escolar e os demais materiais Não sei se você tá entendendo até aí tá então presenciar eu vou é tipo assim eu tenho todo o cronograma então por exemplo eu tenho uma foto da criança chegando na escola então ele chegou na escola fez isso tudo eu guardo a foto dele mesmo. Guarda essa foto dentro da caixinha aí o segundo passo é passar o creme passei o creme ele vai lá ele mesmo Tira essa foto e guarda dentro da caixinha ou seja são ações que eu fui cumprir quando estou numa Aula 5 através de uma plataforma que a mãe é vai ser vai me auxiliar nessa mediação a mãe tem um jeito especial de fazer essa mediação mesmo que eu tenho combinado com ela antes como seria aquela aula não tem a minha vamos dizer a minha presença ali né A minha presença tá acontecendo em outro espaço em outro lugar em outro tempo isso muda muito mas assim eu importante fundamental desço aí volta refirmar que foi a aproximação do professor junto a família para auxiliar nessa mediação dessa criança eu não tenho como lhe falar se a criança foi muito afetada eu sei que a família por exemplo pediu solicitou escola para que eu voltasse novamente para criança e ficar se fizessem intervenção

novamente com a criança então a escola voltou comigo para ir para o terceiro ano né criança foi aprovada ele foi para o terceiro ano eu vou ficar novamente como mediadora dessa criança o avaliação que eu faço sempre nós perdemos muito perdemos tudo as perdemos financeiramente emocionalmente temos as nossas certezas estamos muito instáveis não sabemos o que vai acontecer não sabemos ainda como vai ser esse ano de 2020 em termos de ser essa criança adquire um mesmo esse desses ensinamentos essas aprendizagens que nós tentamos em 2020 isso a gente não sabe ainda mas o que eu posso lhe dizer é que dentro da situação pior não foi tão ruim por quê Porque eu vi que o meu aluno ele adquiriu competências que ele não tinha ele adquiriu novas habilidades também que ele não tinha então eu acho que apesar de tudo no meu caso eu tive muitos pontos positivos eu não sei lhe dizer se foi mais se eu colocar na balança eu não sei se foi mais ou se foi menos entende mas eu posso te dizer que houve ganhos também um ganho que aconteceu eu consegui avançar por exemplo no controle do do do cocô do xixi dos espectros né eu consegui avançar isso então por exemplo meu aluno tem 8 anos para 9 anos ele ainda não usa o banheiro para fazer o cocô então eu já consegui através da mediação que ele usa o banheiro para esse fim então foi um ganho eu consegui por exemplo na no ano de 2025 de 2020 a criança fazer uso sociais de cumprimentar dá tchau eu já consegui isso coisas que ele não vinha com isso então assim o ano de 2020 foi muito interessante eu consegui por exemplo ele já escreveu o nome dele o pronome dele então ele já escreve ele já começou a contar de 1 a 20 né coisa que ele não tinha não tinha adquirido ainda então houve muitos avanços né então acho que é isso.

ANEXO IV

Transcrição da entrevista com a Ana Carolina:

R1- Meu nome é Ana Carolina Brunoni Santos, curso Pedagogia na UFJF, estou no 6º período da graduação. A única experiência como mediadora que tive é a atual na Hub, e tenho sim vontade de atuar como mediadora futuramente uma vez que acredito que a mediação é ponte para construirmos uma educação inclusiva que não exista só no papel, mas também nas práticas escolares.

R2- A atividade de mediação para mim tem grande impacto no acesso e permanência dos alunos com necessidades educativas especiais. Uma vez que sabemos que o conhecimento não acontece simplesmente ao se possibilitar o mero contato ou exposição dos alunos com os conhecimentos construídos, a atividade pedagógica mostra-se primordial para a apropriação do conhecimento pelo sujeito.

A mediação nesse sentido atua nesse meio de criar condições para que o aluno se aproprie do conhecimento, pensando e planejando atividades e metodologias adaptadas às necessidades e características de cada aluno.

R3- As minhas principais funções atuando como mediadora, foi adaptar materiais e atividades de acordo com as necessidades pedagógicas da aluna que eu acompanhava, assim como auxiliá-la no desenvolvimento das atividades, e dando suporte a ela na rotina, sempre respeitando o ritmo da mesma.

R4- Minha relação com a professora sempre foi tranquila, mas acredito que não é a relação ideal entre professora e mediadora. Acredito que o diálogo poderia ser melhor, assim como a atuação junto a aluna poderia acontecer de forma mais conjunta, em alguns momentos senti que a mediação era uma responsabilidade somente minha, o que me deixou em diversos momentos insegura quanto ao trabalho que estava desenvolvendo pois não tinha devolutivas claras sobre isso.

R5 e R6- A mediação para mim foi uma oportunidade incrível de aprendizado, me possibilitou vivenciar muitas coisas que me ajudaram na minha formação. O tempo que passei com a aluna no presencial foi muito importante pra mim, e acredito que foi o período (apesar de muito curto, cerca de dois meses) que mais consegui desenvolver atividades significativas com ela, além de me possibilitar com muito mais clareza as necessidades e possibilidades de trabalho com a aluna.

Quanto ao ensino remoto admito que para ambas (para mim e para a aluna) foi muito difícil prosseguir de maneira significativa. A maior parte fiquei às cegas, sem nenhuma devolutiva da mãe sobre o desenvolvimento da aluna. Perdi o contato total com ela, então os únicos poucos retornos que tive vieram através da professora.

Nesse período trabalhamos somente com o desenvolvimento de atividades para ela fazer de forma concreta, uma vez que a aluna não conseguiria se adaptar ao formato remoto com online. Acredito que o ensino remoto tenha prejudicado sim o aprendizado para esta aluna, uma vez que ela não estava conseguindo acompanhar as atividades, a falta de alguém para auxiliá-la nas atividades e rotina acabou dificultando a apreensão dos conteúdos para ela.